

Cuidado pastoral: abordagens do aconselhamento às pessoas vivendo com HIV/AIDS*

Pastoral Care: approaches of counseling to people living with HIV/AIDS

Elisa Fenner Schröder

Doutoranda em Teologia (Faculdades EST)
Mestra e Bacharela em Teologia
Bolsista CAPES

Resumo

Diversos são os momentos em nossa vida que passamos por situações de crise. Entretanto, nem sempre conseguimos sair delas sozinhos e precisamos buscar ajuda de outras pessoas que auxiliam a ver a situação sob outro ângulo. Buscamos através desta pesquisa fazer algumas reflexões e apontamentos no âmbito da teologia prática (cuidado pastoral) com o objetivo de auxiliar as pessoas que vivem e convivem com HIV/AIDS para que elas possam encontrar maneiras de viver a vida de forma positiva, com qualidade. O cuidado pastoral para pessoas vivendo com HIV/AIDS além de oferecer consolo para as situações de crise também precisa ter um caráter educativo, sendo um espaço no qual as pessoas encontrem informações, onde elas podem tirar dúvidas sobre tratamento, cuidados com a saúde e prevenção além do consolo e apoio emocional.

Palavras-chave

Cuidado pastoral. HIV/AIDS.

Abstract

There are several moments in our life when we go through crisis situations. However, we cannot always face them alone and need to seek the help of others who are able see the situation from another perspective. Through this research, we seek to reflect and point out some ideas within Practical Theology (Pastoral Care) in order to help people who live and coexist with HIV/AIDS so that they can find ways to live in a positive way and with quality. Pastoral care for people living with HIV/AIDS, besides offering comfort in the crisis situation, must also have an educational character and offer a space in which people may find information and ask questions about treatment, health care and prevention, going beyond the comfort and emotional support.

Keywords

Pastoral Care, HIV/AIDS.

A epidemia do HIV/AIDS irrompeu no início da década de 1980, trazendo consigo uma série de dúvidas sobre a doença, além de muito estigma e discriminação para com as pessoas por ela afetadas. Esse estigma deve-se ao fato de os primeiros casos da doença

* Artigo relacionado à dissertação de mestrado intitulada: *Mulheres idosas e HIV/AIDS: Abordagens a partir do cuidado pastoral*. Orientadora: Valburga Streck.

terem sido registrados entre homossexuais e usuários de heroína, grupos que até então já eram excluídos da sociedade. Com o aparecimento do HIV/AIDS entre esses grupos, a discriminação aumentou ainda mais, já que eles foram “culpabilizados por terem optado por práticas, sexuais ou de drogadição reprovadas pela sociedade e consideradas imorais”.¹ A AIDS chegou, inclusive a ser conhecida como *câncer gay*.² Posteriormente, o estigma foi ampliado a outros grupos marginalizados. Logo percebeu-se que embora a transmissão sexual seja a principal responsável na disseminação do vírus, há uma redução significativa nos casos entre homossexuais e conseqüentemente um aumento entre os homens heterossexuais e as mulheres.

O HIV/AIDS tornou-se uma epidemia atingindo índices altos em diversos países. Desde 1980 até junho de 2011, foram registrados 608.230 casos de AIDS no Brasil. Embora a epidemia esteja estável, anualmente cerca de 35 milhões de pessoas são infectadas com o vírus. Em 2010, foram notificados 34.218 novos casos da doença.³

A epidemia do HIV/AIDS produz impactos em todos os aspectos da vida humana, tanto na vida de quem sofre com a doença como entre aqueles que convivem com ela. O HIV é um problema social que se instalou no mundo. Ele não está relacionado apenas a questões de saúde pública, mas também requer ações que envolvam a sociedade como um todo, exigindo mudanças de paradigmas e nas estruturas sociais e políticas.

O resultado do estigma e da discriminação afeta significativamente a vida das pessoas que vivem e convivem com o HIV ou a AIDS. Ela resulta em uma morte em vida ou conforme Parker, em uma “morte civil”. A AIDS mata a pessoa em vida “pois obriga a pessoa com AIDS a viver de forma clandestina, quase como um guerrilheiro, exilada em seu próprio corpo”.⁴ Quem vive com HIV/AIDS além de sofrer com os sintomas da doença e o medo da morte ainda precisa conviver com a dor de viver isolada, como uma forma de proteção contra o preconceito e estigma que cercam a doença. “Não é só a doença que faz a vida da pessoa contagiada mais difícil. A falta de conhecimentos e o medo dos demais são uma parte importante do problema”.⁵

Receber um diagnóstico positivo para o HIV/AIDS pode gerar uma situação de crise. Essa crise pode ser gerada pela falta de conhecimento sobre a doença, tratamento e prevenção, mas também pode ser resultado das perdas que a pessoa enfrenta. Perda da

¹ BERNARDI, José (Org.). *Vulnerabilidade social e AIDS: o desafio da prevenção em tempos de pauperização da epidemia*. Porto Alegre: CNBB; Pastoral de DST/AIDS: 2005. p.24.

² PARKER, Richard. *A construção da solidariedade: AIDS, sexualidade e política no Brasil*. Rio de Janeiro: ABIA/IMS/UERJ/Relume-Dumará, 1994. p.27.

³ BRASIL. Ministério da Saúde. BOLETIM epidemiológico AIDS-DST. Brasília: 2011. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/sites/default/files/publicacao/2010/boletim2010_preliminar_pdf_34434.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2011.

⁴ GALVÃO, Jane. *AIDS no Brasil: agenda da construção de uma epidemia*. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: 34, 2000. p.171.

⁵ CARTA de los obispos de Suecia sobre el VIH en una perspectiva global. Uppsala: Consejo Episcopal, 2007. p.18.

saúde, do trabalho, do apoio da família e o medo da morte. Para superar os momentos de crise, a pessoa pode necessitar de ajuda seja de um profissional ou de alguma pessoa próxima. O teólogo Schneider-Harpprecht diz que “ninguém pode sentir a dor do outro, nem entende o que preocupa um doente e quais são as suas necessidades. Por isso temos que procurar uma ponte para entrar no mundo em que as pessoas doentes vivem”.⁶ Como aconselhador/as, podemos tentar nos colocar no lugar dessas pessoas, imaginar quais são dúvidas, medos, e sentimentos que essa pessoa tem, mas não poderemos dizer com exatidão o que ela está sentindo.

O aconselhamento pastoral é uma maneira de cuidado para com as pessoas que estão vivendo uma situação de crise, conflito e sofrimento. Todas as pessoas necessitam de cuidado. “Cuidado implica ter compaixão com e confortar pessoas aflitas bem como providenciar assistência física. Pode envolver também a ação de consolar, de reconciliar e curar”.⁷ No caso de pessoas vivendo com HIV/AIDS, o cuidado também está relacionado à busca por justiça social e luta contra preconceito que cerca as pessoas que vivem e convivem com o HIV/AIDS.

O aconselhamento pastoral, além de consolo para aqueles/as que sofrem, também pode ser uma rica fonte de informação para as comunidades cristãs, através de pessoas preparadas para essa função. O cuidado pastoral é uma dimensão mais ampla do que o aconselhamento. O aconselhamento pastoral acontece em um tempo determinado da vida, enquanto o cuidado pastoral é para toda a vida.

O cuidado pastoral vem se tornando uma realidade e necessidade cada vez mais pertinente em nossa sociedade. “Em toda parte, os seres humanos se defrontam com circunstâncias adversas, mudanças súbitas, perdas significativas e ameaças alarmantes que põem à prova a nossa saúde, o nosso equilíbrio emocional e as nossas relações”.⁸ Circunstâncias que desencadeiam crises podem acontecer a qualquer momento em nossa vida. Cada pessoa tem maneiras diferentes de lidar com as situações adversas. Algumas conseguem sair rapidamente delas, enquanto outras precisam de ajuda para superar esse momento.

Como entendemos o aconselhamento pastoral

O Manual de aconselhamento em DST/AIDS define o aconselhamento

como um processo de escuta ativa, individualizado e centrado no cliente. Pressupõe a capacidade de estabelecer uma relação de confiança entre os interlocutores, visando ao resgate dos recursos internos do cliente para que

⁶ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Como acompanhar doentes*. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 13.

⁷ FEDERAÇÃO Luterana Mundial. *Graça, cuidado e justiça: um manual para o trabalho com HIV e AIDS*. Porto Alegre: FLM/IECLB, 2010. p.2.

⁸ MALDONADO, Jorge. Intervenção em Situação de crises. In: SANTOS, Hugo. (Org.). *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo; Cetela, 2008. p.155.

ele mesmo tenha possibilidade de reconhecer-se como sujeito de sua própria saúde e transformação.⁹

Segundo essa definição, o aconselhamento acontece através de uma relação de confiança entre duas pessoas. No caso do aconselhamento para o diagnóstico de HIV/AIDS, ele serve como apoio emocional, com o objetivo de estar com a pessoa no momento inicial de receber o diagnóstico. Serve como apoio educativo, pois traz as informações necessárias sobre prevenção, transmissão e tratamento necessários. Além disso, auxilia na avaliação dos riscos que determinadas atitudes podem trazer para a saúde e a necessidade da prevenção.¹⁰

É importante que as pessoas que entram em contato com pessoas que vivem com HIV/AIDS ou que atuam como conselheiros/as busquem informações a respeito do HIV/AIDS, das formas de transmissão de tratamento e de prevenção para poder clarear possíveis dúvidas, fazendo dessa relação de cuidado um momento educativo.

A definição de aconselhamento citada acima vai ao encontro da visão cristã de aconselhamento. Clinebell diz que “um dos objetivos do aconselhamento pastoral é capacitar as pessoas a reagir às suas crises encarando-as como oportunidades de crescimento”.¹¹ Esse modelo de aconselhamento tem como objetivo preparar o indivíduo para que ele seja sujeito de sua vida. Ele ajuda as pessoas a lidar com seus momentos de crise, assumir responsabilidades e tomar decisões. O aconselhamento acontece em um período determinado de tempo.¹²

Clinebell defende um modelo holístico de aconselhamento pastoral, no qual ele vê o ser humano na sua integralidade. “O método holístico de aconselhamento pastoral vê a nós seres humanos, como possuidores de uma riqueza de forças, potencialidades e recursos não descobertos e não desenvolvidos”.¹³ Assim sendo, o aconselhamento como forma de cuidado precisa ajudar as pessoas a encontrar dentro de si forças para superar seus momentos de crise. O aconselhamento pastoral, segundo Clinebell, ajuda as pessoas a estabelecer um novo relacionamento com elas mesmas, com o próximo e com Deus.

O aconselhamento pastoral, sendo uma forma de cuidado pode ser entendido como um caminhar com a pessoa que está em dificuldade. O aconselhamento atua como

⁹ FILGUEIRAS, Sandra Lúcia; FERNANDES, Nilo Martinez; GONÇALVES, José Eduardo M. *Aconselhamento em DST e HIV/AIDS: diretrizes e procedimentos básicos*. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/sites/default/files/074_01aconselhamento.pdf>. Acesso em: 11 maio 2012. p. 8.

¹⁰ FILGUEIRAS, FERNANDES, GONÇALVES, 2012, p. 8.

¹¹ CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 4. ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2007. p. 33.

¹² STRECK, Valburga Schmiedt. *As contribuições da terapia estrutural de famílias e da terapia narrativa para o aconselhamento pastoral com famílias multiproblemáticas de baixos recursos*. 1997. 399 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1998. p. 19.

¹³ CLINEBELL, 2007, p. 28.

apoio para a pessoa, para que ela aprenda a lidar com mais facilidade com as dificuldades que aparecem na sua vida. É uma forma de crescimento.¹⁴ Em outras palavras, podemos dizer que o aconselhamento auxilia no empoderamento das pessoas. Empoderar significa que as pessoas adquirem o controle sobre as suas vidas, tenham habilidade de fazer coisas e de definir suas próprias agendas.¹⁵

O aconselhamento pastoral não visa dar respostas prontas às pessoas, mas sim fazer com que a pessoa que busca ajuda reflita sobre a situação em que se encontra e busque alternativas para sair dessa situação. O aconselhamento pastoral visa o crescimento de cada indivíduo. “O nosso trabalho de amor é tentar ajudar-lhes a descobrir por eles mesmos onde eles estão estagnados”.¹⁶ Muitas vezes o que precisamos é apenas um ouvido atento que nos ouça verdadeiramente e que não julgue nossas ações. “A epidemia do VHI ou HIV é um desafio para as comunidades de fé de base para serem servos do amor e da tolerância daqueles afetados com o vírus”.¹⁷ Se ouvir é realmente um dom e uma forma de mostrar hospitalidade, então é sem dúvida uma forma de cura.¹⁸

A cura acontece quando as pessoas conseguem sair da sua situação de crise e encontram um novo sentido para suas vidas. “Cura significa antes de tudo, a criação de um espaço vazio onde aqueles que sofrem podem dizer suas histórias a alguém que pode ouvi-los com uma atenção real”.¹⁹ Quando uma pessoa é ouvida atentamente e sente confiança em quem a escuta, ela inicia um processo de cura. Deixar a pessoa falar ajuda-a a ordenar seus pensamentos, faz com que ela se sinta melhor e mais aliviada.

Cuidado pastoral com pessoas vivendo com HIV/AIDS

O cuidado pastoral com pessoas vivendo com HIV/AIDS exige muita sensibilidade de quem o pratica, pois é preciso controle para não emitir nenhum tipo de julgamento sobre a forma de vida da pessoa, ou pela maneira como ela se infectou com o vírus, bem como é preciso estar atenta aos discursos culpabilizadores. “Quem acompanha pessoas

¹⁴ KURIAN, Manoj. *Ouvindo com amor: aconselhamento pastoral: uma resposta cristã para as pessoas vivendo com VIH.* Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=kurian%2C%20manoj.%20ouvindo%20com%20amor%3A%20aconselhamento%20pastoral%3A%20uma%20resposta%20crist%C3%A3%20para%20as%20pessoas%20vivendo%20com%20vih&source=web&cd=1&ved=0CEQQFjAA&url=http%3A%2F%2Fvd.pcn.net%2Fes%2Findex.php%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D23%26Itemid%3D30&ei=EDXOT5qzIZOc8QTLuKyFCw&usg=AFQjCNGwXDx6ImixwuYhL4CzopFloYH7iA>. Acesso em: 12 maio 2012. p. 26.

¹⁵ STRECK, Valburga. Família e escola: em busca de condições de empoderamento. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 37, n. 158, 2001. p. 195.

¹⁶ KURIAN, 2012, p. 73.

¹⁷ KURIAN, 2012, p. 25.

¹⁸ KURIAN, 2012, p. 40.

¹⁹ KURIAN, 2012, p. 37.

com AIDS e seus familiares entra numa luta pela vida, que exige dele um confronto aberto com a sexualidade e uma postura objetiva e sem respostas pré-moldadas”.²⁰

No momento em que uma pessoa recebe um diagnóstico de uma doença grave, como o HIV/AIDS, diferentes sentimentos tomam conta da pessoa. “O que uma pessoa nesta condição precisa é a segurança de ser aceitável perante Deus”.²¹ É comum a pessoa sentir-se abandonada por Deus, sentir raiva e até mesmo afastar-se Deus. Por isso, o cuidado pastoral visa restaurar essa relação com Deus e com as pessoas próximas. A função do cuidado pastoral é dar consolo e esperança a quem vive com HIV.²²

Assim como em outras doenças graves ou pessoas em fase terminal, pessoas com HIV/AIDS enfrentam a tarefa amarga de sofrer muitas perdas: a perda do trabalho, das capacidades físicas, dos planos para o futuro, sonhos, amigos e parentes. Elas passam pela fase do choque, negação, negociação, raiva e depressão, sentem-se culpadas, ou culpam alguém por tê-las contaminada.²³

O cuidado pastoral é um espaço de compartilhar dores e sofrimentos, mas ao mesmo tempo é um espaço de buscar informações sobre a doença, tratamento e a necessidade de seguir corretamente o tratamento e, principalmente, é um lugar de encontro com Deus e de um novo sentido para sua vida a partir dos ensinamentos cristãos. “O aconselhamento pastoral é uma função reparadora, necessária quando o crescimento das pessoas é seriamente comprometido ou bloqueado por crises”.²⁴

O cuidado pastoral pode acontecer em grupos, ele não precisa ser algo individual. No grupo, as pessoas podem trocar experiências, saber que outras pessoas passaram pela mesma situação em que elas se encontram e como elas conseguiram superar. Além disso, elas podem verificar que outras pessoas enfrentam situações mais difíceis que as vivenciadas por elas. No grupo, elas demonstram sensibilidade umas com as outras e fortalecem as relações de cuidado que promovem cura e crescimento.²⁵ Algumas questões, entretanto, não podem ser tratadas em grupo, pois dizem respeito a uma situação muito pessoal. Quando for percebido que há necessidade de uma conversa individual, deve-se fazê-la.

O cuidado pastoral com pessoas vivendo com HIV/AIDS além de ser um momento de consolo também é um momento importante de troca de informações. Ele pode ser visto como uma atividade educativa.

Toda atividade educativa deve considerar a situação em que se encontra o sujeito. Nesse sentido, o profissional aconselhador tem de estabelecer um diálogo com vistas a conhecer a realidade existencial do aconselhando. É

²⁰ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1994, p. 83.

²¹ MALDONADO, 1993, p. 17.

²² KURIAN, 2012, p. 73.

²³ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1994, p. 83.

²⁴ CLINEBELL, 2007, p. 25.

²⁵ FILGUEIRAS; FERNANDES; GONÇALVES, 2012, p. 8.

papel do aconselhador possibilitar a transformação de uma consciência ingênua para uma consciência-crítica, onde o ser humano se insere criticamente na história, assumindo uma posição de sujeito com possibilidade de transformar o mundo.²⁶

Conforme Clinebell, o aconselhamento educativo²⁷ requer habilidade das conselheiras. Para ele, o aconselhamento educativo é “um processo assistencial que integra as instituições e os métodos de duas pastorais com o objetivo único de promover a integralidade de pessoas”.²⁸ Conforme o autor, quem pratica aconselhamento exerce ao mesmo tempo as funções de professor e aconselhador.

O aconselhamento como forma de cuidado é um momento de partilha de conhecimentos, troca de informações e crescimento. Aconselhamento educativo não é simplesmente transmitir informações. “Pela utilização de habilidades e sensibilidades de aconselhamento, ele ajuda pessoas a entender, avaliar e então aplicar a informação relevante ao enfrentar uma situação específica de vida”.²⁹ Assim sendo, ele atua em diferentes áreas. Além das questões emocionais, ele lida com questões da vida prática das injustiças, da busca de direitos iguais e diminuição de preconceitos. É possível “fazer um trabalho de educação em saúde, percebendo questões existenciais, discutindo pontos educativos que levem à reflexão, à esperança de uma vida com melhor qualidade para a pessoa que procura apoio ao realizar”.³⁰ O que difere o aconselhamento educativo de outras formas de aconselhamento, segundo Clinebell, é quando ele ajuda a:

1) descobrir quais são os fatos, conceitos, valores, conteúdos da fé, habilidades, orientação ou conselhos necessários para pessoas no enfrentamento dos seus problemas; 2) comunicar os mesmos diretamente ou ajudar pessoas a descobri-los (por exemplo pela leitura); 3) ajudar pessoas a utilizar essa informação para compreenderem sua situação, tomarem decisões sábias ou lidarem construtivamente com os problemas.³¹

O aconselhamento educativo tem interesse na pessoa. Ele quer ajudar as pessoas a refletir e adquirir habilidades para enfrentar os problemas de forma construtiva. “Quase sempre estão presentes sentimentos poderosos, dinâmica interpessoal, temores e precon-

²⁶ MIRANDA, Karla Corrêa Lima; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Aconselhamento em HIV/AIDS: análise à luz de Paulo Freire. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 15, n. 1, jan./fev. 2008. Disponível em: <www.eerp.usp.br/rlae>. Acesso em: 14 maio 2012.

²⁷ “Aconselhamento educativo poderia igualmente ser chamado de ‘educação orientada para o aconselhamento’. A educação orientada para o aconselhamento e o aconselhamento orientado para a educação formam um conjunto contínuo. Esta noção permite ao pastor ou a pastora movimentar-se livremente entre ênfase maior sobre a dimensão educativa ou sobre a dimensão de aconselhamento, conforme as necessidades de cada pessoa, casal ou família. Um sinônimo de aconselhamento educativo é ‘orientação pastoral’” (CLINEBELL, 2007, p. 314).

²⁸ CLINEBELL, 2007, p. 313.

²⁹ CLINEBELL, 2007, p. 313-314.

³⁰ MIRANDA; BARROSO, 2008, p. 2.

³¹ CLINEBELL, 2007, p. 315.

ceitos. Estes precisam ser tratados para que a pessoa possa tomar uma decisão sábia”.³² A informação somente se torna relevante e útil se estiver relacionado com o mundo interior da pessoa. Ela precisa fazer algum sentido para sua vida e suas necessidades, sem manipular a informação de forma a convencer o/a aconselhado/a de suas ideias.

Reflexões finais

Não cabe a nós procurar culpados, cada caso é uma situação específica. O HIV/AIDS nem sempre é uma questão de comportamento. A culpabilização deve ser evitada. “Podemos estar em risco por causa da pobreza, falta de apoio social, guerra, gênero e nossa idade”.³³ Situações de vulnerabilidade aumentam os riscos de contrair doenças infecciosas. Para tratar a questão do HIV/AIDS não podemos falar apenas sobre o que consideramos imoralidade sexual ou que as pessoas precisam mudar de comportamento. Todas as pessoas estão sujeitas a serem infectadas pelo vírus.

Jesus nos ensinou a sermos solidários e agir em favor de nossa próxima. Como cristãs nós podemos nos colocar à disposição daquelas que sofrem, ouvindo as suas aflições, partilhando assim suas angústias e juntos encontrar um novo sentido para a vida. O HIV/AIDS não tem cura, mas “por meio das escrituras e oração podemos encontrar esperança e significado daquilo que parece estar perdido”.³⁴ As escrituras apontam que “os milagres de Jesus, às vezes mostram que a cura não é apenas alguma coisa que acontece uma vez. A cura é um processo que acontece gradativamente e de forma diferente em cada um”.³⁵

Cabe a nós valorizar a vida das pessoas que vivem com HIV/AIDS e motivá-las a não olhar apenas para o seu sofrimento e aproveitar bem o tempo de vida que ainda tem pela frente, que pode ser bem longo. É importante conscientizar as pessoas de que elas não estão sozinhas. Muitas pessoas no confronto com a realidade de se tornarem portadoras do vírus, aproximaram-se de Deus e encontraram o sentido de suas vidas e uma paz interior que não experimentaram anteriormente.³⁶

É importante que pessoas sejam preparadas para lidar com as questões que envolvem o HIV/AIDS bem como com as pessoas que vivem e convivem com o HIV/AIDS. Dor, sofrimento e angústia são problemas semelhantes aos de outras doenças graves. Entretanto, o cuidado realizado com pessoas com HIV/AIDS lida com outras perguntas, outros questionamentos. A pessoa que vive com HIV/AIDS tem medo de ser rejeitada e viver isolada, tem medo do futuro. As perdas também fazem parte. Perda da autoestima,

³² CLINEBELL, 2007, p.317.

³³ KURIAN, 2012, p. 14.

³⁴ KURIAN, 2012, p. 16.

³⁵ KURIAN, 2012, p. 81.

³⁶ IGREJA solidária e transformadora: roteiro de oficinas para igrejas. Diaconia/Koinonia. 2008. p. 10.

autoconfiança, o desejo sexual fica reduzido, não sentindo mais atração física por outras pessoas e medo de que outras não sintam por elas. O medo da morte e sentimentos de culpa também são sentimentos que vêm à tona. Culpa de ter contraído o vírus, de ter infectado outras pessoas, traição, sexualidade mal resolvida, a incerteza de como vai ser o futuro gera ansiedade. Preocupações financeiras em decorrência da perda do emprego, da saúde e do apoio de familiares e amigos geram preocupações.³⁷ É preciso levar em conta as condições de vida dessas pessoas, o preconceito que existe em torno da doença, as dificuldades com o tratamento, a difícil decisão de contar que é HIV positivo para outras pessoas.

Uma doença como o HIV/AIDS pode trazer sofrimento, dúvidas e medos, mas também pode ajudar a aceitar nossos limites e incapacidades. Ela nos desafia a olhar com mais atenção para quem está ao nosso redor e para nós mesmos, e descobrir em nós maneiras de superar e nos adaptar às nossas limitações. Diferente de outras doenças, o HIV/AIDS não é visto apenas como uma doença que precisa ser tratada. Ela é associada à culpa, pecado e punição, por isso o estigma. Necessitamos desmitificar as imagens negativas que existem em torno do HIV/AIDS e fortalecem os sentimentos de culpa. O cuidado pastoral é uma proposta de atuação junto às pessoas vivendo com HIV/AIDS, pois através dele é possível levar informações sobre sexualidade, prevenção, cuidados com a saúde e relacionamentos além de oferecer apoio e consolo nos momentos de crise.

[Recebido em: dezembro de 2012

Aceito em: abril de 2013]

³⁷ VAN DYK, Alta C. *HIV/AIDS care and counseling: a multidisciplinary approach*. 4th ed. Cape Town: Pearson Education, 2008. p. 267-270.